

A RAZÃO OCIDENTAL E O PENSAMENTO BAKHTINIANO

crítica e diálogo na busca do outro

Manoel Henrique de Melo Santana¹

Jorge Luiz Gonzaga Vieira²

Resumo: O presente texto traduz uma inserção no imenso e discutido campo do pensamento de Mikhail Bakhtin, a partir de seu livro *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. O seu pensamento parte de uma reação à hegemonia da razão científica sobre o ser humano, onde o diálogo passa a ser o caminho metodológico encontrado para se chegar ao outro. No mesmo campo de discussão, encontram-se outros filósofos conectados na mesma busca do outro, com sujeito e não como objeto. Os autores não têm a pretensão de exaurir as questões abordadas, mas a de incitar a continuidade das reflexões aqui apenas pontuadas, despontando no horizonte da realidade humana a busca do outro como protagonista de uma nova dimensão humana e cósmica

Palavras-chave: Razão, Ciência, Sujeito, Diálogo, Outro.

Résumé: Ce texte fait une insertion dans le plus grand et disputé champ de la pensée de Mihail Bakhtin, à partir de son livre "Para uma Filosofia do Ato Responsável". Sa pensée part d'une réaction à la hegemonie de la raison scientifique sur l'être humain où le dialogue devient le chemin méthodologique découvert pour s'approcher de l'autre. Dans le même champ de discussion, ce sont d'autres philosophes connectés à la même recherche de l'autre, comme sujet et pas comme objet. Les auteurs n'ont pas la prétension de finir les questions abordées, mais d'inciter à La continuité de réflexions, en ce moment seulement ponctuées, em surgissant dans l'horizont de la réalité humaine à la recherche de l'autre comme protagoniste d'une nouvelle dimension de l'homme.

Introdução

O presente trabalho é resultado das reflexões realizadas a partir dos Seminários de Estudos Avançados: Bakhtin – do dialogismo às ações do sujeito, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, no Programa de Pós-Graduação em Letras.

Dentre várias abordagens tratadas pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, este artigo discute as questões do livro *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. Nesse contexto, faz-se necessário apresentar uma visão panorâmica do pensamento ocidental, identificando os caminhos históricos da razão em sua origem grega até o período contemporâneo.

¹ Prof. do Centro Universitário CESMAC, Mestre em Ciências da Religião (UNICAP/PE) e doutorando pela Université Stendhal 3 (Grenoble/Fr) e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG).

² Prof. do Centro Universitário CESMAC, Mestre em Desenvolvimento Local (UCDB/MS) e doutorando pela Université Stendhal 3 (Grenoble/Fr) e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG).

Apresenta-se, em seguida, aspectos do pensamento bakhtiniano, discutindo de forma crítica a hegemonia da razão científica sobre o ser humano, buscando encontrar o processo de libertar o ser humano do seu ocultamento metafísico. A relação dialógica o conduzirá até o outro, condição *sine qua nom* de seu próprio ser, considerando a contribuição de outros filósofos contemporâneos.

Assim, percebe-se que, esta reflexão sobre o pensamento ocidental demonstra a crise da humanidade frente aos seus problemas, identificando em Bakhtin a contribuição de superar estes entraves apontando o ser humano como sujeito histórico, responsável pelo seu projeto de ser com o outro.

1. A Razão ocidental: uma visão panorâmica

O que é o pensamento ocidental? Independentemente de divergências teóricas, pode-se definir que é o pensamento greco-romano cristão, histórico e culturalmente contextualizado. Por sua importância e influência intelectual e política, passou a ser considerado um pensamento universal.

O que é resultado de uma produção local, como suas categorias conceituais passam a ser utilizadas como explicação global? Quando se pergunta, o que é a filosofia? Logo vem à mente, é o pensamento ou a filosofia grega.

É histórico que os gregos tiveram a capacidade de buscar, tratar o cosmo e a realidade histórica, a partir de categorias racionais e conceituais. E assim, por esse viés, a humanidade desenvolveu caminhos de investigação para o desenvolvimento da razão, da ciência e da tecnologia.

Ao contrário do que é pensado e defendido por determinadas escolas, a descoberta de pensamento grego, mas não poderia ser diferente, dar-se-á nos condicionamentos e possibilidades históricas, sociais e culturais gregas. Constata-se na mitologia Homérica, presentes nos textos da *Ilíada* e *Odisséia*, e na urbanização da Grécia Clássica, período que possibilitou o desenvolvimento da democracia, da vida artística e intelectual. Por isso define o filósofo Roberto Gomes sobre a filosofia grega: na mais é do que “o *strip tease* da cultura grega”. (GOMES, 1984, p. 21). E completa Marilena Chauí: “A filosofia manifesta e exprime os problemas e as questões que, em

cada época de uma sociedade, os homens colocam para si mesmo, diante do que é novo e ainda não foi compreendido”. (CHAUÍ, 2002, p. 43).

Os primeiros filósofos, na busca pela superação mitológica, construíram o pensamento cosmológico, identificando nos elementos da natureza a sua origem. Mas foi no século V a.C. que a filosofia grega tomou novos contornos teóricos, passando a se preocupar com as questões voltadas para a vida social e do ser do homem. Pode-se identificar, inicialmente, em Sócrates o expoente do pensamento antropológico.

Com Platão e Aristóteles, o pensamento grego é sistematizado em categorias abstratas, fundadas em princípios ontológicos e metafísicos. O sistema do mundo das idéias platônicas e o do primeiro motor aristotélico serviram de base para o pensamento cristão, utilizados por Agostinho e Tomás de Aquino como fundamento do pensamento medieval. Entretanto, não se pode entender que houve uma transposição automática da base racional grega para o pensamento cristão, que introduz novas idéias para os filósofos greco-romanos, a exemplo dos conceitos de criação do mundo, pecado original, Deus Trindade, homem interior.

A preocupação fundamental dos *Padres*¹ foi o de conciliar fé e razão, juntar a verdade revelada e a verdade da razão, transformando verdades reveladas em dogmas. Entre as correntes, destacavam-se a que entendiam ser: a fé é superior a razão, portanto, não são conciliáveis; a outra, a fé e a razão são inconciliáveis, por terem campos diferentes de conhecimento; e, por último, a fé e a razão podem ser conciliáveis, deste que a razão esteja subordinada à fé, ou seja, a *Philosophia Theologiae ancila*. (CHAUÍ, 2002, p. 45).

Observa-se que os filósofos medievais centraram suas preocupações na discussão sobre as temáticas religiosas e teológicas, tendo como base a metafísica. Em vista disso, a concepção sobre o homem foi posta em segunda categoria, com reflexo da criação divina. A grande discussão filosófica girava em torno do problema dos *Universais*².

A ausência das questões antropológicas sobre o homem como sujeito da reflexão filosófica despertou nos renascentistas o olhar antropocêntrico. Recuperando pensadores gregos, a exemplo de Sócrates e Platão, trazem idéias e questões voltadas para a natureza, a política, a sociedade e questionamentos quanto ao poder dos papas e imperadores. O homem torna-se, então, nessa perspectiva filosófica, o artífice do seu

próprio destino, contrariamente ao homem medieval que se encontrava preso ao desígnio divino e religioso.

O pensamento renascentista põe em questionamento a fé romana e abre espaço para a liberdade de crença e de pensamento, que foi impulsionado pelos pensadores Nicolau Maquiavel, Thomas Morus, Giordano Bruno, entre outros. Merece destaque o pensamento do francês Michel de Montaigne (1533-1592), em sua obra *Ensaíos*, diante do espetáculo exótico promovido em homenagem ao rei Carlos IX com os nativos de terras brasileiras, povo Tupinambá, assim descreve:

Três daqueles homens, ignorando o quanto pesará um dia em seu repouso e felicidade o contacto com as nossas corrupções, e que do conhecimento destas nascerá a sua ruína, — o que, de resto, já deve ter acontecido, visto a loucura de se deixarem iludir pelo desejo de verem coisas novas, abandonando, pelo nosso, a doçura do seu céu, — chegaram a Ruão quando ali se encontrava Carlos IX. O Rei departiu com eles longo tempo. Mostraram-lhes os nossos costumes, nosso luxo, o que era uma bela cidade. Depois, alguém pediu-lhes a opinião sobre o que mais os havia surpreendido. Responderam que três coisas, das quais esqueci a terceira, o que muito lamento; mas duas ficaram-me na memória. Disseram que, em primeiro lugar, achavam muito estranho que tantos homens importantes, de grandes barbas, fortes e bem armados como aqueles que rodeavam o Rei (é muito provável que se referissem aos Suíços da guarda real) rendessem obediência a uma criança em vez de escolher entre eles um para os comandar. Em segundo lugar (têm uma forma de falar que divide os homens em duas partes), tinham reparado que havia entre nós pessoas cheias e fartas de comodidades de toda ordem, enquanto a outra metade mendigava à suas portas, descarnada de fome e de miséria; e que lhes parecia também singular como essa outra metade podia suportar tamanha injustiça sem estrangular os demais e lançar fogo a suas casas. (ENSAIOS, XXXI).

Na lógica da razão ocidental eurocêntrica vê-se surgir o germe da crítica e a possibilidade de abertura para o reconhecimento de outro modo de pensar. Esse arrazoado é um ponto balizador da reflexão que, antropologicamente, somente no século XX a ciência desenvolve o reconhecimento do outro como sujeito histórico.

A modernidade basicamente mantém-se em silêncio quanto ao outro — diferente de si-, fundamentada em seu racionalismo clássico, reconhece o sujeito do conhecimento, tendo o homem como centro. Entretanto, é centrado no sujeito da razão ocidental, centrado em si mesmo, o indivíduo.

A natureza é investigada a partir da ciência mecânica, desenvolvida pelos mecanismos físicos e matemáticos como Galileu, a física da causa e efeito de Newton e pelo método da dúvida cartesiano.

O Iluminismo desenvolve e reconhece a razão e a sua supremacia diante do pensamento mítico e metafísico, cabendo ao homem a superação e conquista do seu próprio mundo. Coloca as bases do progresso civilizatório da humanidade. O filósofo alemão Immanuel Kant, com as categorias *Razão Prática* e *Razão Pura*, delimita os campos da metafísica e da ciência.

Com isso, pode-se considerar que o pensamento contemporâneo está centrado no fenômeno da hegemonia das ciências e tecnologias. Mas, na mesma lógica da racionalidade científica, a contribuição de Frederick Hegel e de seus seguidores à esquerda, os denominados hegelianos de esquerda, Ludwig Feuerbach, Karl Marx e Fredrik Engels, constroem duas grandes vertentes epistemologicamente do pensamento: o idealismo hegeliano e o materialismo histórico dialético marxista. Entretanto, em termos de teoria do conhecimento, são duas vertentes originárias de uma mesma matriz teórica iluminista.

Pensar o domínio científico e tecnológico do pensamento atual, indubitavelmente, do ponto de vista da materialização política e construção ideológica, faz-se necessário colocar a participação positivista de Augusto Comte, da *Ordem e Progresso*. Em nível de desenvolvimento de pensamento, segundo a lei dos três estados, a humanidade passou pelo estágio teológico, metafísico e, na etapa final, conquista a positiva, ou seja, a ciência. (CHAUÍ, 2002, p. 49).

A vitória do homem contemporâneo é marcada pela utilização das ciências e das tecnologias sobre a natureza e os deuses: a Revolução Industrial e Revolução Francesa nos séculos XVIII e XIX, respectivamente; e, finalmente, no século XX, o homem conquista o espaço.

Mesmo diante das crises políticas, econômicas e sociais do mundo europeu, a perspectiva cientificista não foi colocada em questionamento pelo pensamento filosófico, particularmente Marx. O que é posto em questionamento é o modelo econômico e não a matriz geradora do sistema racional. O questionamento à hegemonia do racionalismo científico, de matriz greco-romana e cristã, não está posto

ontologicamente. Ao contrário, expressam a confiança total no saber científico e na tecnologia como meios de dominar e controlar a natureza, a sociedade e o indivíduo.

Com o advento das guerras mundiais, bombas atômicas e do aquecimento global, resultado do domínio científico e tecnológico, põe em cheque a hegemonia científico-tecnológica. São os filósofos da escola frankfurtiana, Habermas, Max Horkheimer (1895-1973), Theodor Adorno, (1903-1969), Walter Benjamin (1892-1940), Herbert Marcuse (1898-1979), Erich Fromm (1900-1980), que elaboram a Teoria Crítica, e formulam a Razão Instrumental ou razão técnico-científico, que faz das ciências e tecnologias um meio de intimidação, medo e desespero sobre o homem. Ao mesmo tempo defendem, ao contrário, a Razão Crítica, como forma de utilização das ciências e tecnologias a serviço das mudanças sociais, políticas e culturais para emancipação do gênero humano. (CHAUI, 2002, p. 50).

A presença de alguns filósofos existencialistas põe em cheque a discussão ontológica sobre o homem pensado sem consideração alguma com a sua existência histórico-humana. O ser humano não pode ser condenado a ser o que a razão define antecipadamente. O ser humano então tem necessidade de ser sujeito de sua própria existência. O pessimismo de Sartre foi necessário para se encontrar, em plena modernidade, a discussão sobre o outro, sem o qual o sujeito deixa de ser. Bakhtin aproveita esta encruzilhada do pensamento filosófico com a passagem do existencialismo para descobrir o outro, através dos caminhos do diálogo e da empatia.

A razão ocidental, hegemônica e imperialista, está posta em debate diante de avanços e conquistas do pensamento contemporâneo, mas também frente às conseqüências da arrogância, poderio e destruição do cosmo, da natureza e do próprio gênero humano.

Mikhail Bakhtin: em busca do outro

Bakhtin, um filósofo no sentido heideggeriano e por sua autodefinição. Nesse tempo trabalhava-se a idéia de não diluir a filosofia na ciência. Heidegger não contradiz a ciência, mas lhe faz a crítica “à sua pretensão ao absoluto, a ser o parâmetro de todas as verdades (2001.p.136). A ciência não pensa”, afirma Heidegger (2001, p.115). A ciência trabalha com as racionalidades que fundam no fator credibilidade. Ela precisa ver o mundo com objetividade. Não pensa, tem um método (2001, p.115).” Não é a vitória da ciência que destaca o nosso século XIX, mas, sim, a vitória do método

sobre a ciência”, é uma declaração de Nietzsche, citado por Heidegger (2001, p.154). Bakhtin estava de forma genial no início de um novo caminho filosófico, aliando-se a outros na estrada que percorre o ser humano no encontro consigo mesmo, através do sacramento do outro, incluindo aqui uma nova linguagem teológica, herança do Concílio do Vaticano II. Os temas abordados, aqui, serão sugestões para a continuidade de novos e mais fundados estudos.

A Dialogia no Círculo de Bakhtin

Nessa perspectiva, a questão do Ser está fora do alcance da ciência e exige outra racionalidade, que pense o sentido do Ser. Sendo assim ideologia é o nome que o Círculo de Bakhtin costumava dar, então, ao universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política.

O tema da Dialogia foi sendo assumido pelo Círculo de Bakhtin³ a partir da virada lingüística (1925/1926). Entre 1928-1929, o diálogo passava a ser a grande metáfora para o Círculo de Bakhtin. As raízes dessa metáfora já estavam presentes nos primeiros textos de Bakhtin, passando a ser a sua grande utopia. Este acreditava com fé no progresso do homem, na revolução (1961, p. 294). Viver significava tomar parte no diálogo. Ser significava comunicar-se (1961, p. 293). Mais adiante, o filósofo vai confirmar que ”Eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro: eu tenho de me encontrar num outro para encontrar um outro em mim” (1961, p. 287). E, ainda afirma: ”Viver significa tomar parte no diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo, e assim por diante”. (1961, p. 293).

A interação surge entre as ciências.

A partir do começo do século XX, a interação passava a ser objeto de estudo científico na obra do primeiro pensador pragmatista norte-americano, George Herbert Mead (1863-1931). Atingia, então, a psicologia social, estendendo-se para a sociologia e a antropologia norte-americanas. Seu foco era a construção do sujeito como efeito da

interação. A complexa viagem de nossa individualização nos fazia responder ao nosso eu social.

Como área da filosofia, a interação foi um tema que vem desde o século XVII. É impossível pensar o ser humano fora das relações com o outro e vai pôr em cheque o primado do eu. Esta linhagem do pensamento que assumiu a intersubjetividade como axiomática surge no contexto da filosofia alemã do século XVIII.

Hegel, em *Fenomenologia do Espírito* (1807) representava o primeiro momento da dialética do reconhecimento, em que o eu só aparece de si para si mesmo pela mediação do outro (1999, p.126).

Friedrich Jacobi reclama para si a paternidade do tema da intersubjetividade: "o eu é impossível sem o tu" (1946, p. 111). Jacobi argumenta contra Espinoza: "Deus tem de ser um outro; ele não pode ser uma substância indistinta na Natureza, nem apenas um conceito ou um valor abstrato, mas um ser transcendente, uma personalidade real" (1946, p. 111). Era de Jacobi também a frase: "Eu acredito numa causa inteligente e pessoal do mundo" (1946, p.111). Martin Buber identifica Feuerbach ao lado de Jacobi, como pai da intersubjetividade. Emmanuel Lévinas (1906-1995) critica qualquer tentativa de abordagem meramente intelectualista da interação. A interação antes de ser um mero objeto de conceitualização, é sempre uma relação. Bakhtin conhecia a obra de Jacobi e utilizou a noção de Deus como o grande outro, isto é, uma alteridade absoluta.

A Empatia e a ousadia de sua intuição.

A abordagem, em seguida, trata da empatia. "Eu não perco meu lugar único fora dela. A empatia é um ato meu", diz Bakhtin. "Mediante a empatia se realiza algo que não existia nem no objeto da empatia, nem em mim, antes do ato da empatia. Uma empatia pura não é possível" (2010, p.62).

Continuando, no caso da abnegação, o teórico afirma: "Eu sou maximamente ativo e realizo completamente a singularidade do meu lugar no existir. A abnegação não é uma empatia passiva, com o ser possuído, a perda de si, não tem nada em comum com a ação-ato responsável do renunciar a si mesmo. (2010, p.63).

Em seguida, Bakhtin assevera com extrema ousadia seu pensamento:

A abnegação não é uma realização que abraça o existir-evento. Jesus Cristo é um grande símbolo de ativa abnegação, deixou-nos na Eucaristia, o sofrimento da doação de seu sangue. Uma morte permanente, enquanto permanece vivo e ativo no mundo dos eventos, mesmo quando deixou o mundo. Este mundo deixado pelo Cristo é fundamentalmente um outro mundo. (2010. p. 63 e 64).

Com certeza, sua formação cristã, junto à Igreja Ortodoxa, permitiu-lhe uma incursão teológica digna de nota sobre Jesus Cristo no Sacramento da Eucaristia. Jesus Cristo representa para Bakhtin o modelo que todo homem deve imitar, em seu processo de encarnação humana. Com genialidade filosófico-teológica, soube encontrar uma referência religiosa, trazida de sua tradição cristã.

Emmanuel Lévinas: o homem do outro

O filósofo Emmanuel Lévinas (1906-1995), criticava qualquer abordagem simplesmente intelectualista da interação, porque "antes de ser mero objeto de conceitualização, a interação é desde sempre uma relação... a inter-relação é, portanto, vivida". (FARACO, 2009, p. 156). Bakhtin foi, contudo, o que mais avançou em termos de uma análise de linguagem. Quase parafraseando Hegel, dizia também: "A reflexão do si no outro empírico por quem o si tem de passar para alcançar o eu para mim". (1970-1971, p. 137).

Lévinas, judeu por excelência, partiu para a eternidade, em Paris, no Natal de dezembro de 1995. Introduziu o hebraico no espaço mental da filosofia francesa, obrigou a filosofia a olhar a dimensão religiosa sem *a priori*. Uma data importante foi 1935, quando publicou o resultado de seus estudos, *De l'évasion*: "Trata-se de sair do ser por um novo caminho mesmo correndo o risco de inverter certas noções que, para o senso comum e para sabedoria dos povos, parecem os mais evidentes". (CRÉPU, 1996, p.14). Hoje, o caráter profético deste procedimento frente a outrem, é melhor avaliado no centro de seu pensamento.

O *Rosto* será a figura do *outro*, que interpela, que impele a sair de si, porque essa presença do outro quebra o ciclo egoísta, obrigando a responder, a fazer a experiência de um descentramento. É a palavra que torna o homem capaz de ser o

vivente que ele é na qualidade de homem. O homem é homem na medida em que é ele quem fala. Lévinas foi buscar através da Bíblia e um estudo apaixonante do Talmude, sob a orientação de seu mestre M. Chouchani. Com a publicação de *Totalité et Infini*, em 1961, Lévinas pode influir no mundo sartriano, eivado de um pessimismo existencialista, sobretudo quando afirmava inclusive que o inferno são os outros.

Pensador da responsabilidade, sem jamais ter sido um filósofo da severidade, foi alguém daqueles que melhor soube compreender o íntimo da relação humana. Em *Le Temps e l'autre*, ele fala da carícia humana como poucos souberam fazer.

O homem como *lugar* do encontro e do re-encontro com Deus, em Heidegger.

O ser humano é totalidade movida por interminável transcendência. O homem é um ser in-contido. É destinado a transcender-se, a ser mais do que é inicialmente. No pensamento de Chardin, o homem é esfera de operação imanente que se estende ao Universo todo. Através do corpo, o homem está ligado ao mundo inteiro, enraizado no cosmos.

Quando o ser humano se põe a pensar, já se coloca a possibilidade do sentido. Merleau-Ponty escreve com sabedoria: “Porque estamos no mundo, somos condenados ao sentido, e não podemos fazer nada e nada dizer que não assuma nome na história. O homem é destinado à significabilidade. A morte do homem é, antes de tudo, a extinção do sentido” (1968, p.238).

Na mesma direção, Dufrenne completa o pensamento: “Morte do homem porque a fé se apagou, o amor esfriou, a esperança desabou, a fidelidade desertou. Morte do homem porque o individualismo dilacerou a solidariedade, o rancor apunhalou a fraternidade, a injustiça sepultou a igualdade” (1968, p. 238).

Nesse contexto, trabalhar a questão do Transcendente não é anomalia epistemológica. O fenômeno do Transcendente se inicia no momento em que o homem conversa com o próprio homem. O Transcendente não é corpo estranho que aterriza indevidamente no campo do saber.

Martin Heidegger foi a princípio considerado ateu, até que Gabriel Marcel fizesse sua confissão sobre o companheiro, quando afirma que não é correto considerá-lo ateu e ver sua doutrina como um ateísmo. Heidegger pensa que Deus não deve ser introjetado na reflexão filosófica, como um personagem metafísico, mas que se deve

aprofundar a abertura do ser, a fim de que o próprio ser revele a possibilidade da presença de Deus.

Heidegger critica a *Morte de Deus* exposta por Nietzsche, como o resultado de uma filosofia mal elaborada. A metafísica pecava pelo esquecimento do ser e assim fechava-se o caminho para a busca de Deus. A metafísica não contempla o ser, mas esconde-o. Nietzsche pretendia demolir a metafísica e com isso Deus, e dessa forma ruiria. Enganava-se, porém, que ao matar Deus, ele o substituiria certamente pelo *super-homem*. Para Heidegger, a questão de Deus está ligada à questão do ser, e não à da metafísica. A possibilidade de chegar filosoficamente ao Transcendente, passa pelo ser e não-ser. O sentido do homem e do mundo aproxima de Deus. Heráclito escrevia: “O homem mora, enquanto homem na proximidade de Deus”. (1967, p 85).

Heidegger propõe o ser, sobretudo, o ser consciente, o homem como o *lugar* do encontro e do re-encontro com Deus. Há algo em comum entre Deus e o homem, afirma.

O sujeito só pode ser chamado pelo amor

Gabriel Marcel pensa que o amor engaja o ser total do homem, e acolhe o outro como subjetividade e presença. O amor é fonte do ser e o amor me faz existir. Lévinas vê ainda o amor como transcendência que leva ao outro. Por aspecto essencial, o amor que transcende, vai em direção do outro. Para ele, o amor é capaz de proporcionar futuro fértil, como advento de um mundo que há de ser.

O amor confere primazia ao outro. O amor é necessário para que o homem seja sujeito histórico e não apenas objeto. O sujeito só pode ser chamado pelo amor. Garaudy situa o amor na radicalidade ontológica e não só no plano psicológico. “Sem amor, o homem ou a sociedade podem funcionar, mas não existir”, completa Garaudy (1975, p. 37).

Considerações Finais

A abordagem desenvolvida neste trabalho representa um ponto de partida sobre as reflexões filosóficas relacionadas à compreensão da ditadura da razão ocidental, centrada em suas potencialidades e seus limites identificados em seu percurso histórico.

Ao longo de suas etapas, entendidas não como momentos estanques, mas como resultado de uma longa caminhada, entrelaçadas intrínseca e extrinsecamente pela dinâmica dos povos e suas culturas, das incertezas e verdades do homem como ator desse cenário cosmológico.

Em vista da monopolização da razão sobre as inesgotáveis dimensões do sujeito histórico, entre outros diálogos possíveis, o pensamento bakhtiniano é uma crítica fundamental na ponta do *iceberg* crisológico e metafísico contemporâneo.

Há uma sensação de que a humanidade entrou numa vasta área de aguçada fertilidade capaz de gerar novos encaminhamentos do pensamento filosófico hodierno. O ser humano, olhado, então, como sujeito, emerge como protagonista da história humana e ecossistêmica neste tempo de grandes encruzilhadas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN. Mikhail M, **Para uma releitura do livro sobre Dostoievski, in Problems of. Dostoesvskys Poets.** Appendix II, P. 283-302.

_____, **Notas de caderno.** 1970-1971.

_____, **Para uma filosofia do ato responsável.** São Carlos (SP). Pedro e João Editora, 2010.

CRÉPU. Michel, **Revista Vozes em Foco.** Nº 3 Abril-Setembro 1996, p.14-15.

CHAUÍ. Marilena, **Convite à Filosofia.** 12 edição. São Paulo: Ática, 2002.

DUFRENNE. M, **Pour l'Homme.** Seuil: Paris, 1968.

FARACO. Carlos Alberto, **Linguagem e Diálogo: As idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin,** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GARAUDY, R. **Parole de l'homme.** Paris, 1975.

HEIDEGGER. M, **Sobre o Humano**. Tempo Brasileiro, Rio, 1967.

_____. **Ensaaios e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002. **Seminários de Zollikon**. Org. M. Boss. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEGEL. G.W.W, **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1967.

JACOBI, F. **Oeuvres Philosophiques de F. H. Jacobi**, Paris: Auber, 1946.

Notas

¹ Pensadores e escritores do início do cristianismo, do período denominado de Patrística (II ao VI séculos).

² Categorias da metafísica utilizadas pelos pensadores medievais.

³ O Círculo de Bakhtin era constituído por familiares e amigos seus, com o objetivo de discutir e escrever temas ligados à Filosofia, Teoria e Crítica Literária, bem como questões ligadas à nova sociolinguística. Até 1917, reuniam-se na Associação de Geografia Russa, quando se dispersaram por questões políticas.